

## A ressignificação do esporte como possibilidade de educação antirracista e para as relações de gênero: o caso da Copa Personalidades Negras de Futebol

Cristiano Neves da Rosa<sup>1</sup>

### Resumo:

A herança da escravização de pessoas negras, aliada à predominância do poder primário dos homens sobre as mulheres, nas dimensões econômica, política e social, por si só não elucidada a persistência do racismo e do patriarcado que se experiencia na atualidade. Assim, analisar práticas sociais do pós-abolição que instituíram mecanismos de legitimação das diferenças raciais e de gênero significa que buscar alternativas para minorá-las é imperativo. Nesse cenário, o objetivo deste artigo é apresentar resultados do projeto Copa Personalidades Negras de Futebol desenvolvido em uma Escola pública de Alvorada-RS. O projeto visa efetivar a educação antirracista e para as relações de gênero por meio do futebol, aliado a pesquisas e estudos acerca da vida e obra das “personalidades negras” que dão nome às equipes participantes. A metodologia utilizada é a cartografia, cujas ferramentas são as impressões registradas no diário de campo, e entrevistas semiestruturadas com 10 participantes do projeto. Os relatos das/os estudantes participantes enunciam a possibilidade de concluir experiências teóricas e práticas, visando reflexões e aprendizagens para a efetivação de práticas pedagógicas antirracistas, letramento racial e antimachistas entre os tempos e espaços da Escola.

### Palavras-chave:

Escola. Esporte. Futebol. Educação antirracista. Equidade e igualdade de gênero.

## The sport resignification as a possibility to anti-racist education and to gender relations: the case of Black Personalities Soccer's Cup.

### Abstract:

The enslavement of black people's heritage associated to the primary men's power predominance over women in the social, economic and policy dimensions, by itself, does not elucidate the racism endurance and the patriarchy that we experience nowadays. In view of this, to analyze social practices of the after slavery's abolition which founded legitimation's mechanism of the racial and gender differences, which means that searching for alternatives to extenuate is imperative. In this scenery, the article's objective is to present the Black Personalities Soccer's Cup's results developed in

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutorando em Políticas Públicas pela mesma instituição no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas. E-mail: [cristneves\\_rs@yahoo.com.br](mailto:cristneves_rs@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4888-520X>.

a public elementary school in Alvorada, Rio Grande do Sul. The project aims the effectiveness of anti-racist education and to the gender relations by means of the soccer combined to researches and studies about life and work of the “black personalities” which name the participants’ teams. The used methodology was the cartography using as tools the impressions registered in the field diary and semi-structured interviews with ten students which took part in this project. The participants students’ reports’ points out that it has been made possible bring off the theoretic-practical experiences in towards the reflections and learnings which can reach the establishment of anti-racist pedagogical practices, racial literacy and anti-sexist among the school’ times and places.

**Keywords:** School. Sport. Soccer. Anti-racist education. Gender equity and equality.

## La resignificación del deporte como posibilidad para la educación antirracista y las relaciones de género: el caso de la Copa de Personalidades Negras del Fútbol

### Resumen:

La herencia de la esclavización de personas negras, junto el predominio del poder primario de los hombres sobre las mujeres en las dimensiones económica, política y social, por sí solo no explica la persistencia del racismo y del patriarcado experimentado en la actualidad. Así, analizar las prácticas sociales posteriores a la abolición que instituyeron mecanismos de legitimación de las diferencias raciales y de género demuestra que buscar alternativas para minimizarlas es imperativo. En este contexto, el objetivo de este artículo es presentar los resultados del proyecto Copa Personalidades Negras de Fútbol, desarrollado en una escuela pública de Alvorada-RS. El proyecto tiene como objetivo implementar la educación antirracista y las relaciones de género a través del fútbol, combinado con investigaciones y estudios sobre la vida y obra de las “personalidades negras” que dan nombre a los equipos participantes. La metodología utilizada es la cartografía, cuyas herramientas son las impresiones registradas en el diario de campo y entrevistas semiestructuradas con 10 participantes del proyecto. Los relatos de los/as estudiantes participantes indican la posibilidad de concluir experiencias teóricas y prácticas, promoviendo reflexiones y aprendizajes para la implementación de prácticas pedagógicas antirracistas, alfabetización racial y anti machistas en los tiempos y espacios de la escuela.

**Palabras clave:** Escuela. Deporte. Futbol. Educación antirracista. Equidad e igualdad de genero.

### 1 Considerações iniciais

Em uma sociedade racializada, patriarcal, desigual e marcada por ser a última do mundo a abolir o regime de escravização de pessoas negras, a educação antirracista e de equidade de gênero no Brasil se apresenta como epicentro da análise social. A herança histórica da escravização aliada à predominância do poder primário dos homens sobre as mulheres, nas dimensões econômica, política e social, por si só não elucida a persistência do racismo, patriarcado, machismo e misoginia que ainda se assistem e se experienciam intensamente na atualidade. Nessa conjuntura, analisar as práticas sociais, no período pós-abolição, que instituíram mecanismos de legitimção das diferenças raciais e de gênero que afetam as mulheres, especialmente as mulheres negras, privilegiando a branquitude, significa que buscar alternativas para combatê-las é um imperativo.

É nesse cenário que a questão racial em diálogo com as questões de gênero se mostra

um relevante campo de estudos e debates, mesmo que tenha sido silenciada durante décadas em função da ideologia da democracia racial. A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), política de Estado vigente no país a partir da criação do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN); a Lei 12.288, de 2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial; a Lei 12.711 de 2012 (cotas para ingresso no ensino superior<sup>2</sup>, nos cursos de pós-graduação e no serviço público); a Lei 14.532, de 2023, que tipifica como crime de racismo a injúria racial; a Lei 14.759, de 2023, que tornou feriado nacional o dia 20 de novembro - Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra - e tantos outros desdobramentos resultantes das lutas, pautas e reivindicações históricas do movimento abolicionista ao Movimento Negro, são razões para ampliar pesquisas e relatar experiências que reconheçam as singularidades do ser e fazer negra/o na maior diáspora das Américas.

Nessa conjuntura, há três fenômenos que necessitam de atenção nas discussões sociológicas contemporâneas: o colonialismo, o Esporte<sup>3</sup> e a Educação Física. Essa atribuição de importância ocorre por vários fatores. O primeiro deles advém do colonialismo, método de dominação europeia que se caracterizou como novo padrão de poder mundial a partir das grandes expedições marítimas iniciadas no século XV, as quais praticaram explorações e expropriações de toda ordem nos territórios invadidos. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder colonial foi a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, um construto que expressa a experiência básica dos processos de dominação, e desde então permeia todas as dimensões da vida.

O segundo e o terceiro fenômeno, leia-se Esporte e Educação Física, devem ser analisados no âmbito do processo colonial e, aqui, apresentam-se as justificativas: o Esporte é um fenômeno sociocultural notável e significativamente praticado mundo afora. Tal qual é conhecido, resulta de um processo histórico com desdobramentos, perspectivas, compreensões de mundo, logo, de práticas sociais a serem analisadas e que contribuem para a compreensão dos fenômenos constituintes da vida coletiva. Contudo, falar sobre Esporte é discorrer acerca da sua institucionalização e disseminação de modo a mobilizar a nossa atenção para as formas de colonialismo praticadas pela Europa, nos séculos XIX, XX e XXI. Enquanto fenômeno moderno, o Esporte foi uma relevante área de atuação para o colonialismo, especialmente na África e América Latina. Exemplos desta relação são constatados em diferentes figuras da estrutura esportiva: clubes, federações, confederações, órgãos de governos e, especialmente, megaeventos esportivos internacionais, que incluem os Jogos Olímpicos da era moderna e contemporânea. Os Jogos Olímpicos emergem no período de afirmação e expansão do Ocidente tanto na dimensão territorial quanto ideológica, sustentada por sua entidade máxima, o Comitê Olímpico Internacional (COI), entidade euro-ocidental branca, presidida por pessoas que faziam do racismo, sexismo e antissemitismo seu *modus operandi* (GIGLIO; RUBIO, 2017; FERREIRA JÚNIOR, 2021).

No caso da Educação Física, no Brasil, enquanto componente curricular da educação básica, sua evolução histórica se baseou em ideologias higienistas e eugenistas a serviço e refletindo os interesses de uma sociedade influenciada pelo pensamento e valores europeus e que se projetou branca no pós-abolição. Ademais, o processo de implementação de aulas de

---

<sup>2</sup> Lei 12711/12 “dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio”.

<sup>3</sup> Utiliza-se a letra maiúscula inicial no vocábulo Esporte por considerá-lo uma instituição com seus valores, linguagens, de confrontos altamente regulamentados específicos em cada uma das modalidades que o constituem, normatizadas por seus órgãos, horários, controle do tempo e espaços próprios para as suas práticas.

Educação Física no ambiente escolar foi negado às mulheres, pois, da compreensão das famílias burguesas, o esforço físico era algo destinado aos escravizados, cabendo às meninas somente atividades que viessem a garantir a pureza e a delicadeza dos movimentos, o que contribuiu para a reprodução da ideia de superioridade de raça e de gênero (SARAIVA, 2005; MATTOS, 2021).

Fazer referência ao colonialismo e seus efeitos na vida individual e coletiva através da perspectiva da institucionalização e disseminação do Esporte e da Educação Física enquanto componente curricular na Escola<sup>4</sup> significa ir em direção às análises e debates dos históricos efeitos culturais, sociais e políticos para a existência humana. Para maior entendimento acerca das relações do Esporte e da Educação Física com o colonialismo e seus efeitos no Brasil, que serão apresentadas neste artigo, farei em diálogo tendo o Esporte Futebol como epicentro da discussão. Em outras palavras, coloco em relevo uma modalidade esportiva que também está contemplada enquanto conteúdo da Educação Física escolar e que, historicamente, esteve muito aquém das questões de equidade, igualdade e justiça social no pós-13 de maio de 1888.

## 2 O futebol e a negação dos corpos negros e das mulheres

O futebol é uma das práticas corporais herdadas do colonialismo. É um fenômeno social notável que, no Brasil, ultrapassa os limites das linhas dos campos e quadras profissionais e de várzea; ocupa o lugar do mais popular e veiculado das modalidades esportivas existentes pela mídia no país. Na virada do século XIX para o XX, o futebol, inserido no conjunto das modalidades do Esporte moderno, além dos demais elementos das culturas europeias, emergiu como parte dos ideais civilizatórios europeus, tornando-se o “Esporte das Multidões” (GIULIANOTTI, 2002).

Semelhante aos demais Esportes sistematizados na Europa, por meio do futebol pretendia-se promover a pedagogia da racionalização e o ideal da disciplina e autocontrole como parte do processo civilizador europeu (ELIAS; DUNNING, 1992). E, conforme mencionado pelo idealizador dos Jogos Olímpicos da era moderna, o francês Pierre de Coubertin (1931), o Esporte é dotado de preceitos fundamentais para serem adequados à condição do homem a partir do “estado semisselvagem até o estado ultracivilizado”. A partir desse conceito, convencionou-se considerá-lo devido ao rol dos “benefícios da civilização esportiva” aos colonizados, com a iniciação do sistema esportivo europeu como parte de um processo mais amplo de educação ocidental nos países ocupados (COUBERTIN, 1931).

Lopes (2024, p. 125) coloca em relevo que a “rápida proliferação do futebol moderno, em muitos territórios, iniciou-se a partir das relações que as elites desses países mantinham com as elites inglesas”. No Brasil, não foi diferente. A chegada do futebol com a elite inglesa se apresentou como mais um recurso útil de distinção racial e social ao país que completava apenas uma década do fim do regime de escravização e que já se projetava branco com o projeto de eugenia em curso. Isso ocorreu aliado às tensões raciais existentes no contexto da inclusão da população negra jogada à própria sorte nas mais variadas instâncias da vida social.

Apesar de parcela significativa dos clubes de futebol no Brasil, no final do século XIX e no começo do século XX, ter sido fundada pela elite branca, na condição de costumes e

---

<sup>4</sup> Também faço referência à Escola com inicial em maiúscula, por também se tratar de uma instituição que emerge com o advento da modernidade e que teve como função responder a uma urgência: a produção de indivíduos para o projeto societário baseado nos valores civilizatórios do Ocidente, com sua organização arquitetônica, legislações, normas, regras, valores, seriação, organização curricular e seleção de conteúdos para a sua finalidade.

práticas europeias, registros históricos evidenciam que, nesse mesmo período, em diferentes regiões do país, muitos operários e pessoas negras passaram a se interessar pelo futebol (PEREIRA, 1998; RIGO, 2004; MACKEDANZ, 2021).

Jesus (1999), em seu estudo acerca da dinâmica de transformação dos usos dos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro-RJ, entre os anos 1890 e 1920, destaca a hegemonia inglesa no domínio do comércio exterior brasileiro ao longo do século XIX, onde a referida hegemonia fez penetrar tanto os produtos da indústria inglesa quanto os valores e comportamentos considerados civilizadores, entre eles, os contemplados na prática esportiva.

Por volta de 1850 ou 1860, através das zonas portuárias e dos empreendimentos britânicos, começam a chegar ao Brasil com maior frequência informações sobre os novos sports e seu pretensão papel de fortalecer o corpo e simultaneamente o espírito. Os próprios ingleses procuram entre si praticar esportes ao ar livre, gerando curiosidade popular (JESUS, 1999, p. 41).

E o autor prossegue:

Também o futebol se insere nesta onda de adesão a uma vida atlética e sã. Este esporte aporta no Brasil no final do século XIX (assim como basquetebol, o tênis e a natação) e já encontra nas grandes cidades uma cultura esportiva bastante disseminada [...]. Foi, portanto, muito grande a receptividade da população carioca aos esportes na virada do século. Tal atitude se vincula diretamente ao fato destes representarem não apenas uma via para a vida saudável, mas sobretudo por constituir um elemento civilizador do ideário burguês, importado da Europa (JESUS, 1999, p. 42).

Frantz Fanon (1980; 2008; 2022) sinaliza que, a partir da primeira metade do século XX, o racismo já não mais se apresenta como uma prática ofensiva sobre o corpo individual, e passou a se apresentar como uma prática ofensiva contra os povos. Em outras palavras, houve o deslocamento da relação com o outro, racializada, para intensificar a relação dos indivíduos com as instituições, que transcendeu o âmbito da ação individual. E foi nesse cenário do pós-abolição de uma sociedade que se projetava branca em todas as dimensões da vida que o interesse de pessoas negras pelo futebol produziu uma série de conflitos.

Pereira (1998) destaca a presença de tensões raciais no futebol do Rio de Janeiro, no início do século XX, que envolvia a Liga Metropolitana de Sports Atléticos, de hegemonia de associações elitizadas, e a Liga Suburbana, entidade cuja agremiação era constituída de operários e aceitava pessoas negras. Exemplo dessas tensões raciais foi o episódio ocorrido em 1907, quando a Liga Metropolitana enviou ofício aos clubes comunicando que “resoluiu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (PEREIRA, 1998, p. 63). Essa deliberação fez com que o Bangu Athletic Club declinasse da Liga Metropolitana e aderisse à Liga Suburbana.

Cabe colocar em relevo o caso que envolveu o Clube de Regatas Vasco da Gama na década de 1920. Campeão do campeonato carioca de 1923, com um elenco significativo de número de jogadores socioeconomicamente pobres e negros, adotando uma espécie de semiprofissionalismo, com algumas contrapartidas financeiras aos atletas, alguns clubes da cidade, no ano seguinte, criaram uma nova liga: a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Essa Associação elaborou um conjunto de critérios que o Clube de Regatas Vasco da Gama deveria atender para ingressar nessa nova liga: não inscrever jogadores que

tivessem como meio de subsistência qualquer atividade braçal, ou seja, que predominasse o esforço físico; nem aqueles que não sabiam ler e escrever corretamente; e os que tinham emprego considerado subalterno: servente, engraxate e motorista (SANTOS, 2010). Tais exigências implicariam no desligamento de muitos jogadores desse clube, pois vários deles eram negros. Devido a isto, o Vasco da Gama decidiu manter seus jogadores e não ingressar na AMEA (SANTOS, 2010; MACKEDANZ, 2021). Porém, cabe destacar que, em seu estudo, Santos (2010) aponta que o principal conflito dos demais clubes com o Vasco da Gama estavam direcionados à função do semiprofissionalismo do clube, sendo a questão racial uma consequência.

Outro exemplo do quão o racismo operava, fazendo do futebol, no Brasil, um recurso útil para o seu projeto de nação, foi a organização e realização da Liga Nacional de Football Porto Alegreense, conhecida, popularmente, por “Liga da Canela Preta”. Mesmo que esse pseudônimo induzisse à compreensão de “Liga dos excluídos”, visando posicionar as pessoas negras em um arranjo subalterno e estereotipado, carregava consigo um movimento de resistências e enfrentamentos à continuidade dessa situação/exclusão (SANTOS, 2011; SANTOS, 2018). Fundada em 1920, a Liga Nacional de Football Porto Alegreense foi, de fato, uma ação de lutas e conquistas por espaços na vida social no contexto de uma sociedade tomada pelas chagas do racismo.

Na concepção de Fraga (2009), a profissionalização do futebol, no início dos anos 1930, não significou o fim, tampouco o decréscimo e a atenuação da discriminação racial inerentes a uma sociedade de passado escravocrata como o Brasil. A aceitação de jogadores negros nos clubes estava condicionada à prévia abertura da equipe aos não brancos e à comprovação de que o atleta negro traria acréscimo incontestável à qualidade da equipe. Isso em um cenário em que “a manutenção dos valores do amadorismo propagados pela elite, a fim de que o jogo permanecesse como elemento da identidade exclusivamente seu já não tinha mais como encontrar sustentabilidade” (FRAGA, 2009, p. 172).

Desdobramentos nessa direção foram o estereótipo criado do goleiro negro. Exemplo disso foi o ocorrido na final da Copa do Mundo de Futebol de homens, em 1950, quando a seleção brasileira foi derrotada pelo placar de 1x2 pela seleção do Uruguai no estádio do Maracanã, Rio de Janeiro-RJ. Barbosa, goleiro da seleção do Brasil, foi eleito por parcela da torcida e da imprensa nacional o principal responsável pelo vice-campeonato nos seus próprios domínios. A partir deste ocorrido, criou-se mais um elemento para a justificativa do conjunto de discriminações raciais: o problema do goleiro negro. Somado a isso, a derrota foi atribuída a outros dois jogadores também negros que formavam o sistema defensivo da seleção brasileira, – Bigode e Juvenal (ABRAHÃO; SOARES, 2009). Esse acontecimento evidenciou a derrocada “do Mal em suspensão animada na ideologia nacional” (PERDIGÃO, 1986, p. 36), pois, “responsabilizar uma parcela do selecionado pela derrota significaria também responsabilizar uma parcela da nação, ou seja, a que proporcionaria maior identificação com os jogadores culpabilizados. Nesse momento, mesmo a questão clubística, sempre forte, parece haver ficado em segundo plano diante do recurso aos fatores raciais” (FRAGA, 2009, p. 377).

Os destacados desdobramentos após a final da Copa do Mundo de Futebol de 1950 ocorreram no momento em que o projeto de eugenia cedeu espaço à ideologia freyreana da democracia racial. As correntes de ideias opostas entre os aspectos positivos ou negativos da nacionalidade do país transitavam entre a mestiçagem como elemento degenerador da raça (eugenia) e as teorias que apregoavam o oposto. Assim, enfatizavam a positividade do brasileiro mestiço, no âmbito da harmonia entre as raças (ideologia/mito da democracia racial),

a qual deveria ser demonstrada por uma equipe formada em grande parte por jogadores pretos e mestiços, um recorte racial até há pouco considerado responsável pelo atraso do país (FRAGA, 2009).

Outra face do racismo que é imperativo colocar em relevo e que ocorre por intermédio do futebol de maneira assídua são as ofensas e coações dirigidas a árbitros e jogadores negros dentro de campo e nas arquibancadas durante as partidas, e também logo após as partidas findadas, seja *in loco* ou através das redes sociais. Casos como o do árbitro sul-rio-grandense Márcio Chagas da Silva, dos jogadores Arouca, Grafite, Paulo César Tinga, Roberto Carlos, do goleiro Aranha e dos recorrentes ataques desferidos ao atleta Vinícius Júnior, são apenas alguns exemplos dos acontecimentos racistas protagonizados por parcela da torcida ou pelo próprio colega de atividade profissional.

Casos mais recentes foram protagonizados por jogadores da seleção Argentina de futebol de homens, no dia 14/07/2024. No interior do ônibus que os deslocava para o hotel após o título da Copa América de 2024, com a vitória de 1x0 sobre a seleção da Colômbia, os jogadores entoaram o seguinte canto durante a comemoração: “Eles jogam pela França, mas são de Angola. Que bom que eles vão correr, se relacionam com travestis. A mãe deles é nigeriana, o pai deles cambojano, mas no passaporte: francês”. O momento foi registrado pelo volante argentino Enzo Fernández em uma *live* no seu *instagram*. As manifestações de cunho racista estão presentes quando fazem referência à origem dos pais de alguns jogadores franceses, e transfóbica ao se referirem a uma suposta relação amorosa de um jogador francês com uma mulher transgênero. A música cantada pelos atletas argentinos foi criada originalmente por parcela de torcedores do país em provocação à seleção francesa e ao jogador Kylian Mbappé durante a final da Copa do Mundo de Futebol, em 2022, vencida pela seleção da Argentina, no Catar<sup>5</sup>.

Há de se mencionar também o histórico lugar ocupado pelas mulheres no âmbito do futebol. Uma das amostras disso é o componente machista instituído na intervenção do Estado brasileiro a partir do Decreto-Lei 3.199, de 1941, que “estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país”, e em seu art. 54 determinava: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Apesar de não ser citado nominalmente, o futebol se enquadrava nesta legislação. Durante o governo militar, mais especificamente no ano de 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND) citou nominalmente os esportes proibidos. Eram as “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, *rugby*, halterofilismo e beisebol”. A regulamentação do futebol de mulheres aconteceu apenas no ano de 1983.

Considerando a relação entre raça, racismo, futebol e a maneira como se desenvolveu e se desenvolve, no Brasil, ao longo da história, bem como ingresso e protagonismo de atletas negros nos principais clubes brasileiros (MACKEDANZ, 2021), — e acréscimo, aqui, as questões de gênero —, a sua ulterior popularidade sempre esteve de mãos dadas com tensões e discriminações. Isso perdurou mesmo nessa época em que há um conjunto de ações com o propósito de coibi-las, em um cenário em que se evidencia “o futebol como espelho dos dilemas da sociedade brasileira” (SOARES; LOVISOLO, 2003, p. 130).

---

<sup>5</sup> Mais sobre o ocorrido, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ZhGxoZcMro>, <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/07/16/jogadores-do-chelsea-se-irritam-com-argentino-do-elenco-apos-canto-racista.htm> e [https://www.youtube.com/watch?v=0JTOxZwU\\_dw](https://www.youtube.com/watch?v=0JTOxZwU_dw). Acesso em 25 jul. 2024.

Abdias do Nascimento, em sua obra “O genocídio do negro brasileiro”, publicada originalmente em 1978, instiga a uma reflexão profunda sobre como opera o racismo no pós-abolição. O pensador salienta: para se compreender as raízes e a continuidade do racismo no país, é crucial olhar para outras práticas que não se resumem à morte física; práticas protagonizadas por agentes de segurança do Estado ou privados. É, sobretudo, direcionar o olhar para as condições que afetam a existência das pessoas negras na diáspora, como a morte no plano simbólico, das memórias, da história, da exclusão, apagamento, estigmatização e/ou folclorização das matrizes culturais, dos nossos saberes, dos nossos corpos que são pensantes e fomentam conhecimentos para a existência humana, acrescidos de violações quanto à ausência de oportunidades à não garantia de direitos fundamentais e representatividades nas esferas decisórias sociais, políticas e jurídicas. Nesse cenário, o racismo se insere numa perspectiva de dominação, em que o poder é distribuído de maneira desigual, marginalizando certos grupos sociais enquanto privilegia outros nas diversas instâncias da vida.

Casos que envolvem ofensas racistas em campo, nas arquibancadas e redes sociais desferidas contra atletas negros de futebol têm sido conteúdo de denúncias, notas de repúdio, ações simbólicas<sup>6</sup>, campanhas de combate ao racismo no Esporte por parte de clubes, federações, confederações do COI e da mídia, além de multas pontuais e condenações a clubes na esfera da justiça desportiva. Simultaneamente, ações e reações têm chegado a alcances, implicações e manifestações desde atletas vinculadas/os a outras modalidades de Esporte, artistas e até advindas da Organização das Nações Unidas (ONU), que, após um dos casos que envolveu o jogador Vinícius Júnior do Clube Real Madrid da Espanha, se pronunciou e cobrou das entidades organizadoras do futebol estratégias de ações de prevenção e combate ao racismo<sup>7</sup>.

Por sua vez, a Escola é igualmente o espaço social onde o racismo também opera, seja pelo histórico epistemicídio nos conteúdos curriculares<sup>8</sup> ou pelas práticas racistas advindas de falas pejorativas como “macaco”, “macaca”, “nega fedorenta”<sup>9</sup> e gestos protagonizados como o “ok” por estudantes, em alusão à supremacia branca<sup>10</sup> que, no caso relatado, era seguido por uma autorização para desferir socos em colegas de cor de pele mais escura<sup>11</sup> na relação entre as/os estudantes.

Lopes (2024) cita acontecimentos que incluem as desigualdades causadas pelas articulações das opressões de gênero e raça e as violências que afetam jovens negras/os, em especial as/os habitantes das periferias urbanas. Essas desigualdades se relacionam profundamente com o passado-presente de um país que carrega consigo questões mal

<sup>6</sup> Faço referência ao ato ocorrido em 22/05/2023, quando as luzes do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro-RJ foram apagadas por uma hora em solidariedade ao jogador Vinícius Júnior, alvo de racismo na Liga espanhola de futebol ocorrido no dia 21/05/2023. Mais sobre o assunto, disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/esportes/noticia/2023-05/cristo-redentor-apaga-luzes-por-uma-hora-em-solidariedade-vini-jr>. Acesso em 30 mai. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/saude/noticia/2023-05/onu-condena-racismo-contra-vini-jr-e-cobra-acoas>. Acesso em 30 mai. 2024.

<sup>8</sup> Aqui cabe destacar Corazza (2001), que aponta que um currículo quer aquilo que as pessoas que o constroem esperam. Desta compreensão, o currículo é um território em permanente disputa.

<sup>9</sup> Recordações de campo, 2022, 2023, 2024.

<sup>10</sup> O símbolo de "OK" pode representar "poder branco". Para grupos de extrema direita, os três dedos estendidos simbolizam a letra "w", uma referência à palavra em inglês "white" (branco). Já o círculo formado representa a letra "p", em referência à palavra "power" (poder). Para mais, ver: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/08/08/por-que-o-gesto-de-ok-pode-representar-simbolo-supremacista-branco.htm>.

<sup>11</sup> Recordações de campo, 2024.

resolvidas com a população negra, produzindo diversos níveis de destituição e violação das suas subjetividades, aliadas à ausência de reconhecimento e valorização de suas histórias e culturas, protagonizadas pelo colonizador.

Na concepção de Ramos e Jesus (2024, p. 3), “vivemos em um país onde as escolas são colonizadas, exaltam a história, a cultura e os heróis do colonialismo sem valorizar os saberes locais dos povos originários, sem valorizar a influência do povo negro na construção do país”. Nesse cenário, destacam as autoras, nas nossas escolas se estabelecem normas de padrão branco, nas quais o branco é exaltado como referência de beleza e sucesso, e os/as estudantes negras/os e indígenas são posicionados/as como o outro, destituídos do direito ao acesso à história e culturas de seus ancestrais (RAMOS; JESUS, 2024). Os desdobramentos dessa seletividade curricular é que as/os estudantes “não se veem nos livros didáticos, nos conteúdos trabalhados em sala de aula, não se veem nos professores, e conforme sobem o grau de escolaridade, se veem cada vez menos entre os colegas” (RAMOS; JESUS, 2024, p. 3).

É nesse cenário, em que a persistência do racismo reverbera em todos os âmbitos da vida, inclusive no Esporte e na Escola, que estão agregados os elementos que produzem o “genocídio do negro brasileiro” (NASCIMENTO, 2016) no pós-abolição. Assim, o presente estudo tem como desígnio apresentar possibilidades de educação antirracista agregada às questões de gênero na educação básica. Considerando as implicações dessas discussões nas unidades escolares/formativas, apresento o caso da “Copa Personalidades Negras de Futebol<sup>12</sup>”, projeto por adesão desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Frederico Dihl, localizada no município de Alvorada, Rio Grande do Sul (RS).

Diante do exposto, faço referência ao que afirma Grosfoguel (2016, p. 46): a “produção de conhecimento deve estar a serviço de um mundo para além do sistema-mundo capitalista, patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista”. Nesse sentido, reitero a contradição histórica do Esporte e da Educação Física brasileira, com suas políticas e práticas colonizadoras e eugênicas, e concordo com Ferreira Júnior (2021) quando concebe o Esporte moderno como um espaço inacabado, podendo ser transformado pelas aspirações dos povos subalternizados. Portanto, o projeto “Copa Personalidades Negras de Futebol” reside no interesse em contribuir para a equidade e igualdade racial e de gênero, pois, ao longo do ano letivo escolar são desenvolvidos jogos de futebol<sup>13</sup> aliados a estudos, pesquisas, exposições e comunicações orais públicas protagonizadas por crianças e jovens estudantes inscritas/os relativos à vida, obra e contribuição sobre a luta pelos direitos civis, políticos, sociais e jurídicos da população negra e das mulheres. Ademais, palestras com especialistas voltados à temática étnico-racial e relações de gênero também são previstas e realizadas, visando as/os estudantes da unidade escolar, em especial as/os envolvidas/os diretamente no projeto.

### **3 A Copa Personalidades Negras de Futebol**

Trata-se de um projeto de viés interseccional (COLLINS, 2017) de ensino, pesquisa e experiências práticas por adesão, destinados a estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental que, em 2024, encontra-se na 3ª edição. O projeto, devido a outros interesses e demandas que envolvem o corpo docente, ainda que tenha ganhado espaço no calendário de

---

<sup>12</sup> O autor do artigo é professor lotado na Escola e idealizador do projeto Copa Personalidades Negras de Futebol.

<sup>13</sup> Utilizo a denominação futebol em alusão às/os estudantes participantes do projeto que denominam os jogos que são de futsal praticados na quadra poliesportiva da Escola como jogos de “futebol”.

atividades permanentes da Escola a partir da 2ª edição em 2023, está vinculado apenas à minha pessoa, logo, apenas ao componente curricular que leciono: a Educação Física. Os momentos em que conto com a colaboração das/dos professoras/es de outros componentes do currículo estão reduzidos à autorização de saída da sala de aula em caso de jogos agendados no horário de seus respectivos períodos e durante a segunda fase da Copa, quando quatro professoras/es foram convidadas/os para, junto comigo, compor uma banca com cinco avaliadoras/es das exposições e comunicações orais feitas pelas/os estudantes que compõem cada uma das equipes participantes. Estas ações pontuais que envolvem outras professoras/es da Escola serão apresentadas mais detalhadamente ao longo desta seção.

Cabe destacar que a 1ª edição foi uma experiência 'piloto'. No início de cada ano letivo, era divulgado o edital acrescido do regulamento da Copa Personalidades Negras de Futebol. Após a apresentação do edital e regulamento com as orientações do projeto a partir de ampla divulgação nas salas de aula e também com cartazes afixados nos murais da Escola no início do ano letivo, iniciava-se o prazo de inscrições das equipes. Os pré-requisitos para o deferimento das inscrições, definidos em edital, especificavam: **a)** o número mínimo de estudantes inscritos por equipe é de seis e o número máximo é de 10; **b)** cada equipe deverá ter no mínimo três estudantes mulheres inscritas; **c)** só serão aceitas inscrições com equipes de estudantes do mesmo ano de ensino, não necessariamente da mesma turma; **d)** cada equipe levará o nome de uma personalidade negra que tenha se destacado ao longo da história nacional ou internacional por seu ativismo, contribuição social e lutas pela garantia dos direitos da população negra; **e)** o nome que cada uma das equipes receberá, já definidos pela comissão organizadora, divulgados no edital e regulamento, foram feitos por sorteio, após o deferimento e definição do número de equipes inscritas.

Desde a primeira edição, em 2022, já havia no edital a lista com o nome de oito personalidades previamente selecionadas por mim - proponente do projeto - que dariam nome a cada uma das equipes da Copa daquele ano. Cabe destacar que as “personalidades negras” foram, desde a primeira edição, indicadas pela minha pessoa. Ao fazer as indicações, reiterava e considerava a histórica seletividade dos conhecimentos nos currículos já apontados por Gonçalves (1988), expressas “na representação social do negro no livro didático”, tão bem evidenciadas por Silva (2011), reduzidas à folclorização, aliadas a estereótipos de subordinação, à maldade e, quando não, à questão racial reduzida a um problema de classe (SILVA, 2011). Todos estes fatores resultaram, e ainda resultam, no apagamento da história e ausência de literaturas e referências negras elencadas pela instituição Escola no curso do processo formativo das/os estudantes da educação básica. Essas questões foram ao encontro do levantamento prévio que fiz, ainda em 2022, junto às/aos estudantes da escola onde o projeto se desenvolve, quando, após perguntar diretamente a cada um deles se conheciam ou não as 18 pessoas negras que apresentei listadas nos quadros das salas de aula, todos responderam “não conheço”<sup>14</sup> ou “nunca ouvi falar”<sup>15</sup>, exceto Zumbi dos Palmares, que algumas estudantes “já tinham ouvido falar”<sup>16</sup>.

Em data agendada, todas/os estudantes de cada uma das equipes inscritas eram convocadas/os para reunião, na qual era realizado o sorteio para dar nome a cada uma das equipes inscritas. O sorteio se desenvolvia da seguinte maneira: as/os estudantes eram reunidas/os em sala de aula disponível ou no auditório da escola. Em um recipiente encontram-

<sup>14</sup> Recordações de campo, 2022.

<sup>15</sup> Recordações de campo, 2022.

<sup>16</sup> Recordações de campo, 2022, 2023.

se as cédulas dobradas, cada uma com o nome de uma das personalidades que dariam nome às equipes daquela edição da Copa e que seriam estudadas ao longo do ano letivo. As representantes de cada uma das equipes era sempre uma estudante mulher chamada para sortear uma cédula. O nome sorteado passava a ser, então, o nome da equipe. Na semana seguinte, nos murais da escola divulgava-se a tabela com os primeiros jogos e seus respectivos horários.

Destaco que os jogos não eram realizados no turno inverso às aulas formais. Às vezes eram realizados durante o horário do recreio (neste caso, o recreio era estendido, passando de 15 minutos para 35 minutos) ou em qualquer outro horário entre 8h e 12h, o que exigia que as/os professoras/es dispensassem da sala de aula as/os estudantes que jogariam a partida de futebol. Por este motivo, os jogos sempre eram divulgados com, no mínimo, três dias de antecedência da data da partida para que as professoras/es soubessem previamente se no horário/período das suas respectivas disciplinas curriculares precisariam dispensar as/os estudantes para jogar a partida de futebol.

Considerando que a história e a memória social do país é um campo de disputas, zelar por elas é atentar para as interconexões com a formação da estrutura social e as trajetórias das vidas cotidianas, para melhor compreender o presente e projetar o amanhã. Por esse motivo, o futebol, fenômeno social com marcante presença na cultura brasileira, que, de acordo com Roberto da Matta (1982), se apresenta como uma espécie de “drama da vida social” ao se constituir como parte dos elementos da estrutura social hierárquica e desigual, ocupou lugar no presente projeto na condição de um recurso para promover experiências de equidade, igualdade e educação para as relações raciais e de gênero. Foi nesse quadro que, além do pré-requisito do número mínimo de três estudantes mulheres para deferir a inscrição das equipes, e cada uma das equipes inscritas levar o nome do que se denominava, no projeto, de “personalidades negras”, que se conferiu um amplo e minucioso processo de pesquisas e estudos ao longo do ano letivo. Esse processo culminava no mês de novembro, com apresentações orais e expositivas públicas sobre a vida, obra e contribuição social da “personalidade negra” que dava nome a suas respectivas equipes. As referidas apresentações expositivas e orais se destinavam a todas/os estudantes, professoras/es e demais funcionárias/os da Escola protagonizadas pelo grupo de estudantes de cada uma das equipes participantes da copa de futebol.

As referidas apresentações, conforme o regulamento, diziam respeito à segunda fase da Copa Personalidades Negras de Futebol. As apresentações eram avaliadas por uma banca de cinco professoras/es lotados na Escola. Essa segunda fase, nas 1ª e 2ª edições realizadas, respectivamente, nos anos de 2022 e 2023, teve caráter apenas “classificatório” para agregar pontuação adicional à pontuação obtida ao longo da 1ª fase nos jogos disputados entre as equipes, quando poderiam ser agregados até 12 pontos adicionais. Na 3ª edição de 2024, a segunda fase passou a ter caráter “classificatório e eliminatório”, e as apresentações poderiam agregar até 18 pontos adicionais à pontuação obtida durante os jogos realizados na primeira fase para definir as quatro equipes que disputariam a fase semifinal. Ou seja, a não realização da exposição e apresentação oral do trabalho acarretava a eliminação da equipe que não a tivesse feito.

A possibilidade de agregar até 18 pontos adicionais à pontuação da primeira fase continha três pesos: 10 pontos para apresentação/comunicação oral, em que era avaliado o domínio do tema abordado, apresentando pontos relevantes da história de vida e as principais contribuições sociais da personalidade que dava nome à equipe; 06 pontos para a produção do cartaz/banner com fotos e tópicos principais de orientação da comunicação oral; 02 pontos

para o desenvolvimento da comunicação oral de forma adequada em relação ao tempo estipulado. Cada professor/a atribuía a sua nota a cada um dos tópicos. O somatório de pontos agregados nos três tópicos resultava na pontuação total aferida pelo/a professor/a. O critério para a nota final da exposição e comunicação oral atribuída a cada uma das equipes participantes era o seguinte: a soma total da nota de cada um/a das/os professoras/es avaliadoras/es era dividida por 05, que era o número total dos membros da banca avaliadora. Em caso de empate, após somada a pontuação obtida na primeira fase com os jogos de futebol à pontuação da exposição e comunicação oral da segunda fase, eram adotados os seguintes critérios de desempate e definição das quatro equipes semifinalistas: 1º) maior pontuação obtida na fase de exposição e comunicação oral; 2º) maior número de vitórias ao longo dos jogos da primeira fase; 3º) número de gols marcados; 4º) menor quantidade de gols sofridos; 5º) menor número de cartões vermelhos recebidos e; 6º) menor número de cartões amarelos recebidos.

As referidas alterações no regulamento da copa de futebol – aumento do valor da pontuação da exposição e apresentação oral e da adequação de “caráter classificatório” para “classificatório e eliminatório” a partir da edição de 2024 foram realizadas devido ao que ocorreu na edição de 2023: uma das oito equipes não realizou a exposição e comunicação oral da personalidade negra que dava nome a sua equipe e ainda assim avançou para a fase semifinal devido à quantidade elevada de pontos obtidos na primeira fase, em relação às demais equipes, por ter vencido todos os jogos. As fases semifinal e final foram realizadas na primeira quinzena do mês de dezembro.

Há, por meio da resignificação do Esporte, no caso específico do futebol, a ideia da proposta de paridade de gênero, em que as equipes serão mistas. E também o afastamento da comparação do desempenho tático, técnico e físico entre as equipes como fator determinante para a definição das equipes finalistas e da campeã da Copa de Futebol; e, pelas pesquisas e estudos, há a entrega de versão impressa, de exposições em *posters* e apresentações expositivas e orais que cada grupo precisava realizar acerca da personalidade negra que dava nome a sua equipe. Isso se apresentava enquanto estratégia para o fomento, reflexões e qualificação dos debates acerca da história da discriminação racial, do movimento abolicionista, da estrutura sociorracial no após abolição, da valorização do povo negro na África e na diáspora e das políticas antirracistas, de equidade e igualdade de gênero.

Na 1ª edição piloto, realizada no ano de 2022, nomeada simplesmente de “Copa de Futsal da Escola Frederico Dohl”, 48 estudantes se inscreveram: 32 gurus e 16 gurias. Esse total foi dividido em oito equipes, sendo duas equipes compostas de estudantes do 6º Ano, duas compostas com estudantes do 7º Ano, duas compostas por estudantes do 8º Ano e duas compostas por estudantes do 9º Ano. Nesta Edição, as equipes tiveram os seguintes nomes: Dandara dos Palmares, Malala, Malcolm X, Marielle Franco, Martin Luther King, Nelson Mandela, Oliveira Silveira e Zumbi dos Palmares.

Na 2ª edição, realizada em 2023, nomeada de “Copa Dandara dos Palmares”, houve a inscrição de 79 estudantes: 54 gurus e 25 gurias. Os/as inscritos/as, foram divididos/as em oito equipes, sendo duas equipes compostas de estudantes do 6º Ano, duas compostas com estudantes do 7º Ano, duas compostas por estudantes do 8º Ano e duas compostas por estudantes do 9º Ano. Nesta Edição, as equipes tiveram os seguintes nomes: Abdias do Nascimento, André Rebouças, Angela Davis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Luiz Gama, Milton Santos e Zumbi dos Palmares.

Na 3ª edição de 2024, nomeada de “Copa André Rebouças”, 76 estudantes se inscreveram, sendo 48 gurus e 28 gurias. O total foi dividido em oito equipes: duas equipes

compostas por estudantes do 6º Ano, duas compostas por estudantes do 7º Ano, três compostas por estudantes do 8º Ano, e uma composta por estudantes do 9º Ano. Nesta edição, as equipes adotaram os seguintes nomes: Abdias do Nascimento, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Luísa Mahin, Luiz Gama, Oliveira Silveira, Tia Ciata e Zumbi dos Palmares.

#### 4 Recursos metodológicos

A metodologia de pesquisa adotada foi a cartografia. A cartografia é um método de pesquisa-intervenção que possibilita acompanhar os processos, projetar ações percorrendo diferentes ferramentas metodológicas para a produção de dados: o diário de campo, questionários, entrevistas, registros fotográficos e de vídeo ou ainda como um etnógrafo no seu campo de pesquisa (SIMONINI, 2019; BONETTO; VIEIRA, 2023). Para realizar o presente artigo, utilizei dados registrados no diário de campo desde o ano de 2022 – ano da 1ª edição do projeto - e os resultados de entrevista semiestruturada com duas das/os 10 estudantes entrevistadas/os no ano de 2024. Em consonância com Duarte (2004), as entrevistas em pesquisa social ocupam papel fundamental quando se busca mapear e compreender práticas, crenças, significados, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos. As entrevistas foram realizadas de forma individual e presencial nas dependências da Escola, sendo gravadas e transcritas individualmente, observando as similaridades e diferenças entre as respostas das/os participantes, possibilitando assim, a exploração e identificação de diferentes perspectivas relacionadas às suas experiências no âmbito do projeto.

Desse modo, os dados produzidos contêm informações, reflexões, impressões das/os estudantes participantes da Copa Personalidades Negras de Futebol e da minha pessoa enquanto proponente do projeto, professor da Escola e pesquisador através das impressões registradas no diário de campo e das entrevistas feitas com as/os estudantes.

#### 5 Análise e discussão dos resultados

Medeiros<sup>17</sup>, 15 anos, é estudante do 9º ano do Ensino Fundamental e participa da Copa Personalidades Negras de Futebol desde a realização da primeira edição ocorrida no ano de 2022 quando cursava o 7º ano. Na edição de 2022, a equipe da qual a estudante era membro, após sorteio, foi nomeada de “Marielle Franco”. No caso específico da equipe em que Medeiros atuava, lembro-me que, na semana seguinte ao sorteio que deu nome a cada uma das equipes inscritas, agendei uma reunião e fiz uma breve e pontual exposição oral sobre quem foi Marielle Franco e apontei caminhos para buscar mais informações sobre a vida e trajetória da Vereadora da cidade do Rio de Janeiro-RJ. Assim, ao longo do processo, e na condição de mediador das aprendizagens, fui subsidiando o grupo de estudantes com materiais complementares de estudo, recortes de reportagens e documentários acerca da temática que envolvia a questão das relações raciais e de gênero.

Apresento, a partir do excerto a seguir, alguns destaques mencionados por Medeiros acerca do que a estudante está experienciando desde 2022.

Desde a primeira edição quando tu colocou os nomes destas pessoas a gente estranhou um pouco porque nós nunca tínhamos ouvido falar. Sei que ela (Marielle Franco) foi uma mulher incrível, já sabia um pouco sobre ela,

---

<sup>17</sup> A pedido e com a devida autorização das/os estudantes e seus responsáveis legais, os nomes não são fictícios, sendo utilizados para fins da escrita do presente estudo seus sobrenomes.

mas eu não sabia a luta que ela teve, se eu não pesquisasse e tivesse tido esse trabalho no projeto eu nunca iria saber. Foi maravilhoso ter apresentado o trabalho no final do ano (2022) para saber sobre ela (MEDEIROS, 2024).

Sobre as questões alusivas ao marcador social gênero, Medeiros enfatiza:

No caso das mulheres, de igualdade das mulheres, eu desde muito nova no 3º, 4º ano eu sempre joguei bola. Eu sempre fui a única guria e eu sempre escutava “saí, tu não sabe jogar bola porque tu é mulher”, “o que tu quer aqui”. E a partir desse projeto da Copa assim, eles (os guris) viram que por estar cheio de garotas a gente sabe jogar. É só dar chances para a gente participar que a gente pode aprender também porque sempre generalizam o futebol só para os guris porque quando são pequenos para eles é uma bola de presente e para nós gurias é uma boneca. O guri já é incentivado desde pequeno, a guria não. Quando ela fala que quer jogar bola, meu Deus do céu! É só ofensa (MEDEIROS, 2024).

A estudante prossegue ao salientar:

Agora é super melhor e mais tranquilo para nós por conta do projeto da Copa aqui da Escola porque praticamente foi normalizado a nossa participação nos jogos de futebol. Mas antes quando eu era mais nova era muito difícil. Era uma coisa horrível ver uma garota jogando bola. O projeto da Copa deu mais oportunidades para a gente, por ser critério e obrigatório ter no mínimo três garotas na equipe que eu acho maravilhoso! Do contrário, os guris iriam fazer uma equipe só de homens e deu. Além disso, eles não iriam aprender nada com isso, somente competir. Tem mais o trabalho no final da primeira fase que é muito importante que além de jogar futebol que é algo que eles gostam é preciso estudar sobre a vida de pessoas super importantes que fizeram história no mundo e no país que a gente vive (MEDEIROS, 2024).

Os relatos de Medeiros fazem lembrar Gonzalez (2020), que, ao apontar o lugar social e político da mulher negra no Brasil, coloca em relevo o conjunto de marcadores que faz das questões de gênero e fenótipo práticas de explorações, opressões e relações hierárquicas, reduzindo possibilidades de oportunidades e ascensão social. Entre os destaques colocados em relevo pela autora, o considerado determinante para enfrentar essa estrutura patriarcal e racista brasileira reside nas formas com que a população negra é representada nos currículos escolares, especialmente no sentido de potencializar uma imagem da população negra para além daquela enfatizada pela herança do regime de escravização. Sobre a possibilidade de acesso ao conhecimento, imagens, representações e visibilidades positivas da população negra e de mulheres, além do que destacou nos excertos supracitados, Medeiros enfatiza a importância de haver mais envolvimento dos guris, pois o projeto possibilita melhor compreensão do curso da história do Brasil.

Nas suas palavras:

Quando eu disse antes que eles (os guris) não iriam aprender nada, só iriam jogar futebol é porque na primeira edição de 2022 eu fiz o trabalho praticamente sozinha. Eu estudei muito, escrevi, organizei o cartaz para a exposição sobre a Marielle Franco. Se tu fosse perguntar para algum dos guris que jogaram junto futebol na equipe, eles pouco saberiam sobre a vida e trajetória da Marielle. Já na segunda edição, quando Luiz Gama foi o

nome dado para a nossa equipe, já melhorou um pouco, mas ainda assim, a busca de informações, de estudos e organização do trabalho foi feito principalmente pelas gurias da equipe. [...] O projeto não é só futebol. E muitos ainda acham que o projeto é só jogo de futebol. O projeto é conhecer a nossa história, é entender como o nosso país foi formado, é saber sobre o que foi um abolicionista, é assim que se fala né professor, no caso de Luiz Gama? (MEDEIROS, 2024).

Ivanilde Guedes de Mattos (2021) alerta para a importância de que, por meio dos seus recursos pedagógicos, a Escola reveja o tratamento dado àqueles que ajudaram a construir a nação brasileira, por exemplo, os indígenas e a população negra. A fala de Medeiros ao fazer menção a Luiz Gama, vai ao encontro do que alerta Mattos.

A estudante acentua que:

[...] sobre o Luiz Gama, foi incrível saber que ele recebeu o título de advogado doutor mesmo sem ter o diploma por conta do seu saber e de tudo o que ele fez para ajudar a libertar mais de 500 pessoas escravizadas. A história dele me inspirou muito. Muitas vezes o professor de História abordou sobre a história da escravidão mas nunca especificou ou falou profundamente sobre Luiz Gama e agora consegui saber por conta do projeto da Copa de futebol com o senhor. Ah, também me ajudou a entender que a Princesa Isabel só assinou a liberdade dos escravos. Muita coisa aconteceu antes e o que fez o Luiz Gama é um exemplo. [...] Esse projeto, nossa, está sendo uma chuva de conhecimento. A história desde o Luiz Gama até a Marielle Franco são incríveis! Esses conhecimentos estão me ajudando muito a entender melhor como as coisas funcionam (MEDEIROS, 2024).

E a estudante prossegue:

Eu acho importante porque todas estas pessoas que estamos estudando no projeto fizeram e fazem parte da nossa história. O mundo e o Brasil só é o que está sendo hoje por causa também destas pessoas, da luta que estas pessoas tiveram em vida. Por mais que talvez eu não seja uma pessoa negra, eu sou mulher e brasileira e a luta de todas essas pessoas fez o Brasil ser o que ele é hoje. Um lugar que é livre onde brancos, pretos, homens e mulheres devem ter os mesmos direitos porque o sangue que corre nas nossas veias é o mesmo, é vermelho (MEDEIROS, 2024).

As percepções de Medeiros, ao destacar o quão suas experiências no âmbito do projeto têm aguçado a sua atenção e sensibilidade acerca das questões que envolvem o racismo e as desigualdades de gênero, podem ser consideradas a criação de uma consciência do como as práticas discriminatórias e hierárquicas operam na vida individual e coletiva. Em relação à criação dessa consciência, ao identificar as discriminações e desigualdades, pode residir no componente “letramento racial” que o projeto proporciona. Esse processo, conforme destaca Adilson Moreira (2024), em que as pessoas desenvolvem a capacidade de identificar como a convergência entre processos históricos, representações culturais, mecanismos institucionais, comportamentos individuais, desigualdades econômicas e ausência de representatividade são entraves para a construção de um regime político baseado no tratamento igualitário entre todos os grupos raciais.

Hernandes Flores, 14 anos, é estudante do 8º ano do Ensino Fundamental e participa da Copa Personalidades Negras de Futebol desde a realização da segunda edição ocorrida no ano de 2023 quando cursava o 7º ano.

Sobre as pessoas negras que dão nome às equipes de futebol do projeto, o estudante destaca:

A gente nunca tinha escutado falar destas pessoas, e no meu caso em particular, eu nunca tinha escutado falar sobre Abdias do Nascimento que é o nome da nossa equipe esse ano. Foi algo inovador expandir o horizonte dos conhecimentos e também foi muito legal participar de um projeto que não é só jogos de futebol e participar de outras atividades que são os estudos sobre as pessoas negras, sobre o racismo para aprender mais. Essa copa ensina muito para nós sobre a cultura afro e a questão das desigualdades entre as mulheres e homens, inclusive no futebol que existe no geral (HERNANDES FLORES, 2024).

Ao destacar que nunca tinha escutado falar sobre Abdias do Nascimento e todas as demais personalidades negras da edição do projeto, Hernandes Flores instiga reflexões sobre o quanto a ideologia da democracia racial causou [e causa] o escamoteamento da/o negra/o como um dos fatores principais para o epistemicídio (CARNEIRO, 2005). “Nesse processo de exclusão o crivo é racial” (PESSANHA, 2019, p. 169) de toda uma produção intelectual de conhecimentos e contribuição social que nasce do conjunto de experiências e vivências das pessoas negras no Brasil e no mundo.

Ao ser perguntado sobre a sua experiência no âmbito do projeto ao debater as questões relacionadas ao racismo, desigualdades de gênero, práticas de combate ao racismo, de conhecer pessoas negras que tiveram ou possuem atuação destacada na luta por direitos e igualdade social nos seus diferentes campos de atuação, o estudante respondeu:

Sobre o racismo comecei a ver que é algo muito antigo e mesmo com avanços ainda é muito forte isso não só no Brasil, mas em outras partes do mundo né? No mais, está sendo muito bom. Estou entendendo melhor a causa e estou comparecendo mais do que antes (HERNANDES FLORES, 2024).

Comparecendo mais em que sentido? – questionei o estudante Hernandes Flores. E ele respondeu:

É porque antes eu não conseguia ver o real problema disso. Eu só sabia que era algo ruim. Eu entendia que era uma causa difícil e que deveria ser estudada só que eu não dava a real importância. Mesmo sabendo que era algo muito ruim eu acabava não dando muita importância para isso. Agora eu entendo da real importância de falar e estudar sobre essas questões de desigualdades que é um problema muito sério (HERNANDES FLORES, 2024).

As falas de Hernandes Flores indicam a importância da construção de outra interpretação e compreensão do país. Ademais, possibilitam, novamente, recorrer à Moreira (2024) que enfatiza a relevância do letramento racial, seja para o conhecimento das realidades ou para a promoção de ações transformadoras. Esse conhecimento permite identificar práticas discriminatórias, em que a identificação e o conhecimento desses mecanismos propicia que se entendam os fatores responsáveis pela reprodução de representações dos grupos racializados

que determinam os lugares sociais e funções que esses grupos devem ocupar na sociedade. Outro fato ocorrido nas três edições do projeto Copa Personalidades Negras de Futebol diz respeito à ampliação da participação de estudantes mulheres. Na edição de 2022 foram 16 estudantes mulheres; na de 2023 foram 25, e a edição de 2024 conta com 28 participações. Atribuo a ampliação desse quantitativo em razão do sentimento construído de pertencimento a um espaço da Escola ocupado historicamente e majoritariamente pelos homens. À medida que a quadra poliesportiva da instituição, ao serem ofertadas experiências à determinadas práticas corporais, que são compreendidas como o espaço do masculino, ideia essa não raras vezes reforçada pela própria instituição Escola ao separar por gênero nas aulas de Educação Física, pode reforçar a compreensão equivocada de “atividades de gurus”, “atividade de gurias” ou incompatíveis para mulheres.

É histórico que o condicionamento aos estereótipos levou à discriminação do lugar social a ser ocupado por homens e mulheres, relegando à mulher o papel subordinado ao do homem, aliado às desigualdades de acessos e oportunidades. Foi nesse cenário que o processo de inclusão nas aulas de Educação Física na Escola foi negado às meninas, pois o esforço físico era destinado aos escravizados, cabendo às meninas tão somente a delicadeza dos movimentos (SARAIVA, 2005; MATTOS, 2021). Nesse sentido, ressignificar o Esporte na Escola, entre as modalidades esportivas, o futebol, a partir de uma ação de equidade de gênero, seja nas aulas de Educação Física ou em projetos por adesão, significa possibilitar a superação de estigmas marcados nos corpos das mulheres que são experienciados nas diversas dimensões da vida, entre os quais na instituição esportiva e na Escola. O aumento gradual da participação das estudantes mulheres com o passar das edições do projeto de futebol é indicativo, por minúsculo que possa parecer, de efeitos da equalização de oportunidades de acesso e experiência a práticas corporais historicamente às mulheres.

Conforme Corazza (2001), um currículo quer aquilo que as pessoas que o constroem esperam. Então, questiono: “o que se esperava com as experiências proporcionadas aos estudantes por meio do projeto de ensino, pesquisa e experiências práticas por adesão da “Copa Personalidades Negras de Futebol?”. No entendimento de Le Goff (1994), um currículo é fruto da memória coletiva de uma sociedade. E nessa quadra, em consonância com Ivanilde Guedes de Mattos (2013), a nossa defesa, na condição de professoras/es de Educação Física acontece no campo da cultura corporal do movimento, pois, considerando que “o conhecimento sobre a Memória e Trajetória do Corpo Negro está historicamente ligada ao ensino da Educação Física no Brasil” (MATTOS, 2013, p. 175), como não realizar projetos por adesão com essa intencionalidade, “se é sobre o corpo que se dão as marcas da discriminação?” (MATTOS, 2013, p. 175).

## **6 Considerações finais: UBUNTU**

A partir deste estudo pude identificar e apresentar alguns dos resultados das experiências que estudantes tiveram dentro de uma escola municipal de Ensino Fundamental em Alvorada-RS. Vivenciar com as/os estudantes os impactos que a participação em um projeto que proporciona letramento racial, educação antirracista e o quanto impactou em suas relações de gênero em suas vidas, é a sinalização de que, ainda que as instituições redundem em regras formais ou informais, materializadas nas práticas cotidianas que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros, enquanto parte de determinada organização social, significa que as mesmas instituições têm a possibilidade de atuar posicionando-se dentro dos conflitos que se apresentam na esfera destes marcadores sociais.

É nesse sentido que o projeto Copa Personalidades Negras de Futebol ratifica seu compromisso no enfrentamento das desigualdades racial e de gênero que afetam especialmente as mulheres negras, a subalternização e o epistemicídio, buscando levar à cabo possibilidades de experiências teóricas e práticas visando a reflexões, à descolonização do pensamento e aprendizagens que alcancem a materialização de práticas pedagógicas antirracistas e antimachistas através dos tempos e espaços da Escola. As ações do projeto são construções dessas junções de enfrentamentos e transgressões ao colonialismo, assumindo posições comprometidas com “o combate ao cárcere racial (enclausuramento e desvio do ser) e às suas produções de injustiça cognitiva” (RUFINO, 2019, p. 11).

O curso da história evidencia que a prática do futebol no Brasil é um reencontro das culturas na diáspora. Porém, e recorrendo mais à Ferreira Júnior (2021), resumir como popular um fenômeno, em que instituições são autocraticamente geridas, parece equivocado para não dizer que se trata de uma força auxiliar do racismo, e acrescento, aqui, do machismo-patriarcado. É nessa quadra que a resignificação do Esporte na Escola é o ensejo para se encontrar com o curso do passado e o que estamos sendo enquanto sociedade brasileira quando direcionamos a nossa atenção para o lugar cultural, social e político da população negra na diáspora, e das mulheres, para que possamos perspectivar a construção de um amanhã mais equânime e igualitário do que o hoje está sendo.

Perspectivar um amanhã melhor está expresso nos relatos das/os estudantes quando falam de suas experiências no projeto de futebol, como no caso da estudante Medeiros, que “é só dar chances para a gente participar que a gente pode aprender também porque sempre generalizam o futebol só para os guris”, pois, “o projeto da Copa deu mais oportunidades para a gente”; a importância de conhecer “a vida de pessoas super importantes que fizeram história no mundo e no país que a gente vive” e os “conhecimentos que estão me ajudando muito a entender melhor como as coisas funcionam”. E também no caso do estudante Hernandez Flores quando destaca que “a copa ensina muito para nós sobre a cultura afro e a questão das desigualdades entre as mulheres e homens”, e que antes do ingresso no projeto “eu não conseguia ver o real problema disso (do racismo)”.

Em síntese, os resultados deste estudo se mostram efetivos, pois, pôde-se observar que as experiências que estão tendo no projeto têm possibilitado a promoção do letramento racial devido à criação de uma consciência das maneiras que as práticas discriminatórias e relações hierárquicas operam na vida individual e coletiva. Isso ao identificarem que a convergência entre os processos históricos, representações culturais, mecanismos institucionais, comportamentos individuais e ausência de representatividade se apresentam como entraves para a construção de um regime político baseado no tratamento igualitário entre todos os grupos raciais.

## Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.

BONETTO, Pedro Xavier Russo. VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel. **Deleuze-Guattari e a Educação Física**. Belém: RFB, 2023.

- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Tradução de Bianca Santana. **Revista Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 7-17, jan.-jun. 2017.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- COUBERTIN, Pierre de. **France on the Wrong Track. The American Monthly Review of Reviews**, v. 23, n. 4, pp. 447-450, 1901.
- COUBERTIN, Pierre de. La question nègre. **Le Figaro**. Paris, p. 1. 26 set. 1903.
- COUBERTIN, Pierre de. Colonisation sportive. **Bulletin du Bureau International de Pédagogie Sportive**, Lausanne, n. 5, p. 13-14, 1931.
- DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: DA MATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FANON, Frantz. “Racismo e cultura”. *In*: FANON, Frantz. **Em defesa da revolução africana**. Tradução de Isabel Pascoal. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. p. 34-48.
- FERREIRA JÚNIOR, Neilton de Sousa. **Olimpismo negro: uma antologia das resistências ao racismo no esporte, por atletas olímpicos brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2021.
- FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950**. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 291-305, 2017.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GONÇALVES, Luís Alberto de Oliveira. A discriminação racial na escola. *In*: MELLO, Regina Lúcia Couto de; COELHO, Rita de Cássia de Freitas. (Org.). **Educação e discriminação dos negros**. Belo Horizonte: MEC/FAE; IRHJP, 1988. p. 59-62.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O corpo e a cidade: a epidemia da febre esportiva no Rio de Janeiro (1890-1920). *Geo UERJ* **Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 35-48, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LOPES, Taiane Naressi. Descolonização e antirracismo em sala de aula, uma prática constante. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/138873/92203>. Acesso em: 16 out. 2024.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; FERREIRA, Elaine Tonini; SILVA, Gabriel Gomes da; BENDER, Lincoln Belmonte; AFONSO, Mariângela da Rosa; RIGO, Luiz Carlos. O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF. *Licere*, Belo Horizonte, v.24, n.2, jun/2021.

MATTOS, Ivanilde Guedes. **É pra descer quebrando**: o pagode e suas performances para a educação das relações etnicorraciais no currículo escolar. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013. 227f.

MATTOS, Ivanilde Guedes. **Estética afirmativa**: corpo negro e Educação Física. Curitiba: Appris, 2021.

MOREIRA, Adilson José. **Letramento racial**: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. **Problemata**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/49136>. Acesso em 15/10/2024.

RAMOS, Luciana Dornelles; JESUS, Victor Paiva de. Aprender pela diversidade: possibilidades do Feminismo Negro na escola. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/139307/92140>. Acesso em: 16 out. 2024.

RIGO, Luiz Carlos. Memórias de um Futebol de Fronteira. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História**. Trajetórias Intelectuais na Imprensa Negra Meridional. Porto Alegre, 2011. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SARAIVA, Maria do Carmo. Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. *In*: GUEDES, Adriane Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019, p. 73-92.

SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. I, p. 129-143, set 2003.

### **Contribuições da autoria**

Cristiano Neves da Rosa: Conceitualização, Organização, Investigação, Interpretação e Análise de Dados, Metodologia, Redação.

**Data de submissão:** 15/09/2024

**Data de aceite:** 08/11/2024